

RELATÓRIO DA EQUIPE TÉCNICA DE LEVANTAMENTO DA TERRA INDÍGENA
YANOMAMI

1. REFERÊNCIAS

- Decreto nº 94.945, de 23 Set 87
- Decreto nº 94.946, de 23 Set 87
- Portaria nº 0006, de 07 Jan 88, do Presidente da FUNAI
- Portaria nº , de , FUNAI

2. PERÍODO DE EXECUÇÃO DOS TRABALHOS

- a. Início: 12 Fev 88
- b. Término: 24 Mar 88

3. PESSOAL PARTICIPANTE E RESPECTIVOS PERÍODOS DE PARTICIPAÇÃO

ÓRGÃO REPRESENTADO	N O M E	PERÍODO
SG/CSN	ARMANDO JOÃO FONTANARI FILHO ALVARIM PIRES DO COUTO FILHO	12 Fev / 04 Mar 05 / 25 Mar
MIRAD	SELMO NORTE	05 / 25 Mar
DSG CARTOGRAFIA	JOSÉ OLIVEIRA ROSÁRIO JOSAFÁ BARRETO FONTES	12 Fev / 21 Mar 22 / 25 Mar
GOVERNO DE RORAIMA	ANTONIO DE MATOS NETO	12 Fev / 25 Mar
GOVERNO DO AMAZONAS	EMANUEL J. SASSIB OLÍMPIO	03 Jan / 25 Mar
FUNAI	CÉLIO HORST	03 Jan / 25 Mar

Observações:

- a. A FAB se fez representar com 3 tripulações, num total de 27 homens.
- b. A FUNAI participou com 2 intérpretes, os quais acompanharam a missão durante todo o período.
- c. No período de 12 Fev 88 a 20 Mar 88, a Equipe de Levantamento contou com o apoio do pessoal integrante do PIN SURUCUCU.

M. J. Silva

d. A partir do dia 02 Mar 88, a Equipe de Levantamento contou com o apoio da tripulação da aeronave da FUNAI, de prefixo PT-FBV.

4. MEIOS DISPONÍVEIS

- 02 helicópteros CH55, tipo Esquilo, da FAB.
- 01 viatura tipo Kombi, para transporte em Boa Vista, da Administração Regional da FUNAI.
- material para pernoite: redes, cobertores e mosquiteiros.
- 01 aeronave, prefixo PT-FBV, da FUNAI.

5. EXECUÇÃO DOS TRABALHOS

A Equipe de Levantamento reuniu-se no PIN SURUCUCU, em 11 de fevereiro e iniciou os trabalhos em 12 de fevereiro de 1988.

A sistemática dos trabalhos consistia em procurar aldeias ou malocas a partir de uma carta-guia fornecida pela FUNAI. Os pontos dessa carta-guia foram transpostos para cartas de 1:250.000, que efetivamente serviam à navegação e à plotagem definitiva dos pontos.

As equipes, compostas de um intérprete e de um aplicador da "Ficha de Dados", realizavam o seu trabalho e se informavam da localização de outras malocas. Esses novos dados eram comparados com os existentes, resultando na descoberta de muitos pontos não plotados, inicialmente, na carta-guia.

No período de 12 a 18 de fevereiro levantou-se as aldeias ao sul do PIN SURUCUCU e da região do Rio COUTO MAGALHÃES até a Serra da ESTRUTURA. Em 18 de fevereiro sobreveio a falta de combustível e a quebra de um rotor de um dos helicópteros. Em consequência, as equipes só voltaram a operar a partir de 10 de março de 1988.

Reiniciados os trabalhos, em 10 Mar 88, completou-se o levantamento da área de SURUCUCU. A seguir seguiram-se os trabalhos na área de AUARIS, os quais foram interrompidos na tarde de 14 Mar 88 para que os helicópteros apoiassem a visita de uma autoridade militar ao PEF SURUCUCU. Seguiu-se então, um período de

MSJ

condições meteorológicas adversas e os trabalhos só puderam ser reiniciados no dia 18 de março de 1988.

No período de 18 a 20 Mar foram levantadas as regiões de AUA-RIS, ERICÓ, DEMINI e CATRIMANI. No dia 20 Mar fez-se a mudança da base de operações para BOA VISTA, o que foi possível de ser feito, sem solução de continuidade, graças ao apoio de um C-115 da FAB.

No período de 21 a 24 Mar levantou-se as aldeias do AJARANI, do MUCAJAI e do alto CATRIMANI, encerrando-se assim o levantamento de dados da área YANOMAMI.

6. CONSIDERAÇÕES SOBRE O LEVANTAMENTO DE DADOS

a. Localização espacial da aldeia ou maloca

As aldeias encontram-se plotadas em um mosaico de 1:250.000 (An 1), com uma boa precisão, graças ao trabalho conjunto do cartógrafo do DSG e da tripulação das aeronaves. Encontram-se codificadas e nominadas, com as respectivas coordenadas e efetivos (An 2).

Quanto à área física ocupada pela aldeia, considerou-se a mesma e as roças circunvizinhas. A estimativa feita por observação, ora registrada em função de um raio a partir da maloca, ora em número de hectares, mostrou-se muito subjetiva. Na determinação da área física final devida à cada aldeia, um outro fator deve ser considerado: o espaço necessário à caça e à pesca. Realmente, de certa forma, os índios "ocupam" uma área em que circulam à procura de caça e raízes. Essa área é essencial à sua sobrevivência e explica os vazios demográficos, uma vez que é marcante a escassez da caça, da pesca e de frutos silvestres. Essa constatação só não é válida para as regiões do CATRIMANI, DEMINI e MUCAJAI.

No que diz respeito a circulação e a migração verifica-se que um determinado grupo transfere o seu aldeamento em função do exaurimento de suas roças. Isso se dá num período de 2 a 4 anos. Essa mudança, normalmente, é feita na própria microrregião. Um outro motivo para uma mudança de área é em função de guerras,

MDJ

conforme se constatou na região do AJARANI, onde o grupo se recusa a ocupar a área da reserva indígena em função da proximidade de seus rivais do CATRIMANI.

Além dessas mudanças de áreas, os índios viajam muito, visitando seus vizinhos, estabelecendo novos contatos ou reunindo-se para comemorações. Nas suas andanças costumam visitar também seus irmãos do lado venezuelano. Nessas viagens, levam a família toda, deixando a maloca totalmente vazia.

b. Discriminação detalhada da população indígena

Quanto aos aspectos quantitativos pode-se dizer que os números representam a realidade local (An 3). Nas aldeias visitadas os índios foram contados quase que individualmente, passando em revista as sedes e levantando-se os seus usuários. Poderá haver alguma variação quanto às faixas etárias, uma vez que eles não têm a noção de idade contada pelos anos de vida.

A quase totalidade das aldeias é do grupo YANOMAMI, com uma variante, na região AUARIS-ERICÓ, com a presença do subgrupo SANOMAN. Nessa mesma região encontram-se os índios MAIANGONG, do tronco linguístico Caribe.

No que concerne ao grau de aculturação, utilizamos as classificações constantes da obra "Índios e a Civilização", do Prof DARCI RIBEIRO, Edição 1957, e o Decreto nº 94.946, de 23 Set 87.

Assim consideramos como enquadrados no tipo "Grupos Isolados" ("São os grupos que vivem em zonas não alcançadas pela sociedade brasileira, só tendo experimentado contatos acidentados e raros com 'civilizados'. Apresentam-se como simplesmente arredios ou como hostis") ou "não aculturados" (Dec 94.946/87) os YANOMAMI da área que engloba o DEMINI, o CATRIMANI, o PIN SURUCUCU, AUARIS, o MUCAJAI e parte do ERICÓ (Ver carta ilustrada — An 4).

Consideramos como enquadrados no Tipo "Grupos em Contato Intermitente" ("corresponde àqueles grupos cujos territórios comecem a ser alcançados e ocupados pela sociedade nacional. Ainda mantêm certa autonomia cultural, mas vão surgindo necessidades novas cuja satisfação só é possível através de relações econômicas

425/6

com agentes da civilização. ...") ou "em incipiente processo de aculturação" (Dec 94.946/87) os índios MAIANGONG, da região de AUARIS, algumas aldeias de índios YANOMAMI da região de ERICÓ e os índios da bacia do AJARANI (Ver carta ilustrativa — An 4) e do PIN AJURICABA.

Quanto a organização social observa-se que vivem em habitações coletivas, mas onde cada família possui as respectivas dependências, que embora abertas, são respeitadas por todos. Algumas vezes se agrupam em malocas de quatro ou cinco famílias, outras reúnem-se em uma grande maloca que abriga de 50 a 150 indivíduos.

As famílias são extensas. A poligamia é admitida e as disputas pelas mulheres são as razões mais comuns nas lutas internas ou entre as aldeias. No entanto, as lutas não são fratricidas, resultando, geralmente em contusões e escoriações

Os homens caçam e pescam. As mulheres cuidam dos filhos e das roças. Essas são, em geral, plantadas coletivamente e de forma rudimentar, e, colhidas individualmente.

c. Trabalho Missionário

Na área levantada foram encontradas apenas duas missões em atividade: uma na região de AUARIS e outra no PALIMIUI. Ambas pertencem às MISSÕES EVANGÉLICAS DA AMAZÔNIA (MEVA).

Constatou-se que essas entidades desenvolvem um trabalho tênue, sem idéia de imporem seus preceitos religiosos. Mantêm excelente relacionamento com a comunidade indígena. Proporcionam, dentro dos limites de seus recursos, sistemática assistência médica e orientação sanitária o que contribui efetivamente para a queda da mortalidade infantil e das demais doenças.

Na área educacional tentaram instalar escolas de alfabetização, sem grandes êxitos. Os alunos interrompem seus cursos para viajarem com os pais.

Ressentem-se da falta de medicamentos, de recursos e de material escolar para melhor desenvolverem seus trabalhos.

Mantêm uma eficiente rede de comunicação rádio.

MDA

d. Trabalho da FUNAI

Na área levantada a FUNAI mantém os postos de SURUCUCU, do PAA-PIU, do ERICÓ, de UAICÁS, do DEMINI, do CATRIMANI, do AJARANI, do FLECHAL, do MUCAJAI e de AJURICABA.

Os postos compõem-se de um Chefe de Posto, um Auxiliar Administrativo e, eventualmente, um ou mais atendentes.

Os chefes de postos são despreparados para as suas funções. Pouco ou nada fazem para um efetivo desenvolvimento da comunidade. Limitam-se a distribuir remédios e a reportar as epidemias e os casos mais graves.

De um modo geral, as comunidades indígenas clamam por melhor assistência médica, por ferramentas para as suas roças e, algumas, por escolas de alfabetização.

A FUNAI precisaria instalar, no mínimo, em cada posto, um serviço ambulatorial e uma pequena enfermaria, operada por uma atendente capacitada. Essa assistência poderia ser complementada por uma visita médica sistemática, espaçada conforme as disponibilidades de meios aéreos.

e. Existência de Garimpos

Na área levantada foram detectados três garimpos e um quarto em fase de exploração.

O maior garimpo é o da região do Rio COUTO MAGALHÃES onde se encontram cerca de 10.000 garimpeiros, apoiados em 4 pequenas pistas de pouso.

Os garimpos de SANTA ROSA e do ARACAÇÁ são garimpos antigos, cujo acessos são, respectivamente, os Rios SANTA ROSA-ERICÓS e o URARICOERA-ARACAÇÁ. Nesses garimpos operam cerca de 100 garimpeiros em cada, e um número mais ou menos igual de índios, particularmente de MAIANGONG.

Encontra-se em fase de exploração e expansão uma área na região do DEMINI entre os Rios XERIANA e PERIANA.

f. Condições Econômicas Vigentes

Os indígenas praticam a agricultura de subsistência. Os

113/16

principais produtos são a banana, a mandioca, a cana-de-açúcar, o algodão e a pupunha. As terras são áridas e a produtividade baixíssima. Valem-se das queimadas para a abertura e limpeza das clareiras, as quais produzem por dois a quatro anos.

A caça e a pesca são escassas, a exceção nas bacias dos Rios CATRIMANI, DEMINI, AJARANI e MUCAJAI.

Praticam um artesanato muito rudimentar. Na maior parte, vendem ou trocam como artesanato utensílios de caça e de luta. Os MAIANGONG produzem peças mais trabalhadas com a finalidade específica de troca ou venda. Negociam suas canoas por motores de popa na VENEZUELA.

Os indígenas que garimpam vendem o ouro em BOA VISTA e compram suprimentos, ferramentas e outros objetos de uso pessoal.

A vocação natural das comunidades parece ser a agricultura pois é dela que retiram a maior parte de seu sustento. Carecem de técnicas agrícolas, de sementes e de ferramentas. Um trabalho de orientação paciente e cuidadoso poderá apresentar bons resultados a longo prazo.

g. Levantamento no Campo da Saúde

As doenças mais comuns são a verminose, a gripe e suas complicações, a malária e o bicho-do-pé. São endêmicas, e, eventualmente, podem levar à morte devido a fraca resistência dos indígenas e às péssimas condições sanitárias.

A assistência médica praticamente inexistente. Somente as missões realizam um trabalho mais ou menos sistemático, mas de grande valia nos momentos de crise.

h. Levantamento no Campo da Educação

Inexistem escolas nas áreas levantadas.

i. Levantamento do Sistema de Exploração e Comercialização dos Recursos Naturais

Os índios trocam suas armas e outros utensílios com alguns chefes de postos e missionários.

WJA

O PIN SURUCUCU mantém a "Cooperativa YANOMAMI", que só em março remeteu para BOA VISTA, artesanato no valor de cerca Cz\$ 250.000,00. Esse dinheiro é administrado pela FUNAI, que compra produtos para serem trocados por artesanato.

Os MAIANGONG, num estado mais avançado, trocam seu artesanato e os produtos do garimpo diretamente em BOA VISTA ou na VENEZUELA.

j. Informações Complementares

1) Municípios abrangidos

- BOA VISTA, ALTO ALEGRE, MUCAJAI e CARACARAI de RORAIMA;
- BARCELOS, do AMAZONAS.

2) Pistas de Pouso

- SURUCUCU, ERICÓ, UAIACÁS, AUARIS, CATRIMANI, DEMINI, PALIMIU, AJARANI e PAA-PIU.
- Essas pistas podem receber aeronaves do tipo C-115.

3) Existência de posseiros

- Não foram encontrados na área levantada.

7. CONCLUSÃO

O levantamento da área indígena YANOMAMI no Território Federal de RORAIMA e de parte do Estado do AMAZONAS concluiu pela existência de uma população de 7.305 indígenas, distribuídos nas faixas Oeste e Noroeste do Território e do Município de BARCELOS, ao longo da fronteira com a VENEZUELA.

Os índios compreendem dois grupos distintos: os YANOMAMI (cerca de 97,0%) e os MAIANGONG (cerca de 3,0%), os quais apesar das diferenças lingüísticas convivem pacificamente

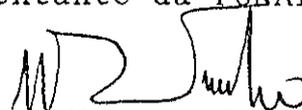
Nos trabalhos de demarcação e em outras atividades a serem implementadas pela FUNAI na área YANOMAMI dever-se-á considerar o grau de aculturação e os costumes dos indígenas constantes das

M. D. A.

Fichas de Dados (An 5) que acompanham o presente relatório.

BOA VISTA, 25 de março de 1988

CELSO HORST - Representante da FUNAI



ALVARIM PIRES DO COUTO FILHO - Representante da SG/CSN

JOSAFÁ BARRETO FONTES - Representante da DSG

ANTONIO DE MATOS NETO - Representante do Território
Federal de Roraima

SELMO NORTE - Representante do MIRAD

EMANUEL J. SASSID OLÍMPIO - Representante do Estado
do Amazonas